

# Perspectivas psicológicas e psicanalíticas do episódio oitavo de *Ulysses*, James Joyce

Henrique José Rosa Pelicano<sup>1</sup>

**Resumo:** A importância de *Ulysses* (1922) não se restringe somente ao campo literário. Seu conteúdo atingiu muitas outras áreas do conhecimento, incluindo-se a psicologia. O fluxo de consciência possibilita ao leitor acesso aos pensamentos da mente de Leopold Bloom e do próprio James Joyce (1882-1941). Dessarte, este estudo almeja compreender alguns mecanismos de defesa realizados por Bloom no oitavo episódio, aquele dos lestrigões. Para essa investigação, os trabalhos de grandes psicólogos e psicanalistas servem de valioso substrato, culminando com a detecção de mecanismos como: a formação reativa, a esquiva, a fuga, o *reductio ad absurdum*, além de visualizar nesse recorte do *Bloom's day, in casu*, a hora do almoço, a sublimação freudiana e o inconsciente coletivo junguiano.

**Palavras-chave:** Lestrigões. Sublimação. Fuga. Formação Reativa. Leopold Bloom.

**Abstract:** The importance of *Ulysses* (1922) is not restricted to the literary field. Its content reached many other areas of knowledge, including psychology. The stream of consciousness gives the reader access to the thoughts of Leopold Bloom and James Joyce (1882–1941). Thus, this study aims to understand some defense mechanisms carried out by Bloom in the eighth episode, that of the Lestrygonians. For this investigation, the work of great psychologists and psychoanalysts serves as a valuable substrate, culminating in the detection of mechanisms such as reactive formation, avoidance, escape, *reductio ad absurdum*, in addition to visualizing in this excerpt from lunchtime on *Bloom's Day*, Freudian sublimation, and the Jungian collective unconscious.

**Keywords:** Laestrygonians. Sublimation. Escape. Reaction Formation. Leopold Bloom.

---

<sup>1</sup>Mestrando em Letras. Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista – UNESP – CEP: 15054-000 – São José do Rio Preto/SP – Brasil. E-mail: henrique.pelicano@unesp.br.

## **Introdução**

A obra de James Joyce (1882-1941) é consagradamente reconhecida pela sua abrangência de temas, exigindo estudos profundos para sua melhor compreensão. A escrita é apresentada por meio do fluxo de consciência, constituindo-se, assim, como uma fonte quase inesgotável de análises e hermenêuticas. Ciências variadas e a filosofia podem investigar *Ulysses*, cada qual com suas lentes. Aquelas que se concentram em análises psicológicas encontram na obra um campo fértil. A psicanálise, por exemplo, serve-se com fartura desse fluxo e oferece entendimentos mais escavados sobre os comportamentos das personagens e do próprio Joyce.

No oitavo episódio dessa obra, verifica-se, por meio das aplicações dessas ciências, a presença de alguns mecanismos de defesa realizados por Leopold Bloom, *e.g.*, a formação reativa, a fuga e a esquiva. Outros conceitos também são constatados, como a sublimação de Sigmund Freud (1856-1939) e o inconsciente coletivo de Carl Jung (1875-1961).

## **Lestrigões e sua relação com o inconsciente coletivo e a sublimação**

De proêmio, explicar o que são ou quem são os lestrígonos é condição imperiosa para a análise do texto. Na obra de Homero, *Odisseia*, em seu Canto X, os lestrígonos ou lestrigões são descritos como seres gigantes e devoradores de homens, habitantes da região da Lestrigônia (Canto X, 80), cujo rei é Antífates. Álvarez Rodríguez (2019) afirma que os lestrígonos eram gigantes antropófagos, comparando sua construção com a dos Ciclopes, porque ambos os povos não cultivavam a terra, um indício de selvageria ou falta de civilização mais complexa. O rei dos lestrígonos seria, portanto, um líder de selvagens.

Antífates era rei temido, como exhibe o Canto X, 198-199, da *Odisseia*: “Isso lhes disse; eles todos, ficaram tomados de medo, / por se lembrarem de Antífates, o Lestrigão pavoroso”. A etimologia de seu nome, conforme a dicção do *Dicionário Etimológico de Mitologia Grega* (2013), é “aquele que mata em resposta”, o que calha bem à história homérica, uma vez que a réplica dada aos navegantes de Ulisses foi, de fato, a morte. O herói Odisseu e seus companheiros chegaram em suas embarcações à região dos gigantes antropófagos e, ao terem contato com Antífates, deu-se início a carnificina da qual conseguira escapar o herói:

O nobre Antífates fez ela logo que da Ágora viesse,  
que lhe era esposo e que a todos exício maquina terrível:  
sem mais demora, de um deles segura e o devora no almoço.  
Os outros dois escaparam fugindo e aos navios chegaram.  
Pela cidade ecoou logo o alarma, acorrendo a essas vozes  
os Lestrigões vigorosos, surgidos de todas as partes,  
que mais pareciam gigantes, não homens. (Canto X, 114-120, p. 172).

A natureza humana dos lestrigões é verossímil, o que se pode garantir, no entanto, a respeito deles é apenas o aspecto humanoide em proporção agigantada, mas não que eram exatamente homens gigantes. Também merece destaque o fato de que o ataque se deu em ambiente marítimo, no qual houve a destruição de várias embarcações da frota do Ulisses homérico. Incontestemente é que o mar sempre exerceu uma relação de fascínio e terror no ideário humano. Pinturas, esculturas, composições musicais e as obras literárias são exemplos dessa relação homem-oceano. A mitologia também está enquadrada nesse liame: como ensina Soares (2015), as projeções sobre o medo do mar se originam de uma recorrente ameaça que esse componente da natureza representava.

É o caso dos lestrigões, considerando-se principalmente a forte influência da mitologia naquele tempo. Antífates era, portanto, o expoente dessa representação. Delumeau (2007), em sua obra intitulada “Medos de ontem e

hoje”, afirma que o mar era sentido como antítese de estabilidade, um lugar de medo, do desmedido e da loucura, sorvedouro de monstros, demônios e até mesmo do próprio Satã. É certo, no entanto, que a humanidade avança no tempo-espaço de maneira que suas convicções e influências no seu ideário se alteram.

Essas modificações devem ser consideradas e analisadas com esmero. Não se as tem como sinônimo de evolução, mas suas modificações também decorrem de incorporações sem valores de mérito ou julgamento, considerando-se conceitos culturais, antropológicos, psicossociológicos, dentre outros, com o fito de evitar a contaminação de uma análise anacrônica. Na biologia evolutiva, resultados positivos ou negativos em relação a um parâmetro são considerados evolução. Erro crasso seria tomar como evento evolutivo apenas os “acertos” (Darwin, 1859).

Dessarte, não há que se submeter ao crivo moral hodierno a concepção do mar e do monstro durante a tessitura de *Odisseia*, talvez os submetendo a um ideário infantil, mas sim ponderar que toda a materialização dos autores de *Odisseia* e *Ulysses* são produtos e, ao mesmo tempo, produtores que fomentam o que Jung denominou de inconsciente coletivo. Em suma, os lestrigões podem ser entendidos como projeções desses medos humanos dos quais o próprio mar tenha contribuído em causa e, quando Antífates inicia o banquete antropofágico, estamos diante do canibalismo, ou, pelo menos, de um ato canibal *sui generis*.

Compreender as razões desse canibalismo é relevante para uma análise mais cirúrgica de *Ulysses* e de muitas outras preciosidades literárias. Depreende-se da observação empírica e de teorias das ciências naturais, em especial da biologia evolutiva e da zoologia, que o canibalismo está presente em inúmeras espécies. As motivações que promovem a manutenção do canibalismo

vertem para a preservação da espécie, de forma direta ou indireta, sempre com objetivo principal a preservação e a perpetuação dos genes. Sir Richard Dawkins (1941-), em *O gene egoísta* (2007), evidencia a questão no caso das fêmeas de louva-a-deus (mantódeos):

No acasalamento, o macho sobe cautelosamente na fêmea, monta-a e copula. Se a fêmea tiver a oportunidade, ela o comerá, começando por abocanhar sua cabeça, quando o macho está se aproximando, imediatamente após ele montar, ou após separarem-se. Pareceria mais sensato para ela esperar até que a cópula se complete antes de começar a comê-lo. Mas a perda da cabeça parece não desalentar o resto do corpo do macho em seu avanço sexual. De fato, como a cabeça do inseto é sede de alguns centros nervosos inibidores, é possível que a fêmea melhore o desempenho sexual do macho ao comer sua cabeça. Se assim for, este é um benefício adicional. O benefício primário é ela obter uma boa refeição (Dawkins, 2007, p.7).

As fêmeas de louva-a-deus garantem melhor performance sexual e uma imediata fonte de energia para dar continuidade aos cuidados parentais necessários. O macho, cumprida sua missão, não apresenta mais serventia aos propósitos de perpetuação genética. Pelas mesmas veredas, pesquisa realizada com insetos da Ordem *Coleoptera* realçam que o canibalismo dos besouros pode decorrer tanto da carência nutricional, ao comerem os estágios larvais, quanto de um controle da densidade populacional (Fischer; Wanto; de Paula, 2013). É importante salientar que, mesmo com o aumento da complexidade das espécies, o canibalismo permanece, independentemente de qualquer gradiente evolutivo.

Por essa razão, gaivotas-de-cabeça-preta, *Ichthyaetus melanocephalus*, aproveitam-se da distração de outra gaivota para predarem os filhotes alheios (Dawkins, 2017, p. 7). As gaivotas que devoram a prole de seus semelhantes poupam-se do esforço de buscar alimento, além de permanecerem no próprio ninho protegendo seus filhotes. Novamente, o tema da preservação e perpetuação.

O canibalismo comumente causa aversão ou estranheza, e essa percepção se agrava quando os envolvidos são os seres humanos. Ocorre, todavia, que a espécie humana, por mais privilegiada que se julgue ser, é, no seu substrato, portadora de mecanismos basais e instintivos do grupo ao qual pertence, o Reino *Animalia*. Assim, um componente ou fator biológico que explique o canibalismo em homens é uma realidade inconcussa. Ressalte-se que não se especula aqui o campo dos indícios e das evidências, porque já são etapas superadas. Atua-se no orbe das provas.

A história não carece de anais que reportem o canibalismo em seres humanos. Tribos indígenas, inclusive em solo brasileiro, com exemplo dos tupinambás, praticavam ou ainda praticam a antropofagia. A obra *O caso dos exploradores de caverna* (1949) serve bem para explicar o dilema da antropofagia em caso de extrema necessidade. Já em *A divina comédia* (1321), Dante (1265 – 1321) assegura lugar cativo no inferno para aqueles que dão causa ao ato reprovável.

Os árabes muçulmanos condenam veementemente o canibalismo e guardam asco e espanto sobre a antropofagia realizada pelos templários cristãos durante as Cruzadas (Rubenstein, 2008). Nota-se, portanto, que o canibalismo é um tema *tabu*, ao mesmo tempo em que acompanha a própria evolução. À vista disso, convém consignar que medidas socioculturais foram sendo elaboradas, mescladas e compostas, sejam para trabalhar o tema, ignorá-lo, ou apenas amenizá-lo.

Os lestrigões são, pois, projeções do que causa medo à espécie humana, daquilo que abomina ou arrola como estímulo completamente aversivo. Como dito, um monstro humanoide canibal agigantado (em verdade, aqui, apequena-se o homem de forma inconsciente) que ataca em ambiente marítimo, podendo ser interpretado como sinônimo de perigo e do desconhecido.

Importantíssimo dizer que os lestrigões e o mar, além de tantas outras figuras que vão desde vampiros até os profetas, são matéria de estudo da psicologia analítica. Jung, em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (1959), professa o que seria aquilo que chamou de inconsciente coletivo:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos de inconsciente pessoal. Este, porém, repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos de inconsciente coletivo, pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são, *cum grano salis*, os mesmos em toda parte e em todos indivíduos. (...) Os conteúdos do inconsciente coletivo são chamados arquétipos (Jung, 1959, p. 19)

Maurice Cotterell estabeleceu parâmetros para comparar o arquétipo do profeta na sua obra *Superdeuses* (2001). Cotterell aponta que Krishna dos hinduístas, Siddharta dos budistas, Pacal do Quetzalcoatismo e Jesus dos cristãos apresentam várias características em comum: todos realizaram milagres, nascidos de concepção imaculada, com ensinamentos semelhantes, inclusive profetizando eventos trágicos (apocalípticos), todos estão associados a uma estrela e uma árvore, dentre tantas outras (Cotterell, 2001, p. 139-140).

Outros tantos arquétipos existem e podem ser detectados de formas diversas. O gigantismo dos lestrigões, por exemplo, não necessariamente deve impor medo e destruição como comumente o faz. Os japoneses desde sempre primam pelas personagens gigantes, desde *Godzilla* até os robôs de heróis que encantaram gerações. O texto bíblico atribui heroísmo a Davi por derrubar o ameaçador Golias. Em *As mil e uma noites* (século IX), grandes gênios e ifrites surgem durante toda narrativa, para ajudar, punir, matar ou realizar desejos e acordos. O fantástico disso tudo encontra sua fonte nos arquétipos junguianos.

E quem são os arquétipos e os lestrigões de Bloom?

Para responder a essa indagação, a hermenêutica do oitavo episódio não deve ser reduzida apenas à literalidade. Aliás, muito pelo contrário, são as mensagens simbólicas e manifestações da mente joyceana que se revelam material riquíssimo no mérito. Ainda que se substituindo os atores, a cena revela-se inconscientemente idêntica ao que Odisseu presenciou na Lestrigônia: sangue, carnificina, brutalidade, verdadeiras vítimas do pecado da gula, egoísmo e demais percepções de estilo.

O mesmo instinto biológico de preservação, ou seja, alimentar-se, quando superado o limite necessário para a manutenção da vida, revela-se filho do egoísmo. É que no exemplo das gaivotas, a ausência de racionalidade equiparável à nossa lhes fazem guarida ao julgamento dos homens, mas, a bem dizer, na prática, o que se tem é mais do mesmo. Os lestrigões, na verdade, são e estão em todos nós. No entanto, são aqueles lestrigões de Dublin os que provocam Bloom pela forma de alimentação. Além do conteúdo do inconsciente coletivo que também se abriga em Leopold, outra questão é imperiosa para se compreender a aversão de Bloom pelo banquete de sangue. A chamada sublimação.

Sigmund Freud (1856-1939) trabalhou o tema de forma esparsa, não havendo uma obra específica sobre o assunto. De uma maneira simplista, trata-se de um mecanismo que torna uma coisa socialmente reprovável em algo aceito e até mesmo aplaudido. O indivíduo agressivo sacia sua sede de violência numa luta de boxe ou outra arte marcial, pela qual pode receber o aceite das convenções sociais e, ao mesmo tempo, suprir seus desejos agressivos. Note-se que essa demanda combativa é sublimada num esporte.

Analogamente, o futebol é uma sublimação de guerra. Os termos arena, ponta-de-lança, armador, arqueiro são resquícios da beligerância. É daí que emana a força que o futebol exerce no mundo. Guerras Mundiais e Copas do

Mundo são os dois únicos eventos que verdadeiramente interrompem e suspendem as atividades de todo o globo. As crianças sequer vão para escola quando sua seleção entra em campo. Não por coincidência, mas por sublimação. É daí também a dor insuportável quando a derrota se impõe. Enfartes, brigas generalizadas, tristeza do luto.

Quando se come da hóstia e se bebe do vinho, come-se do corpo e do sangue de Cristo. Sublimação do canibalismo das tribos primitivas, herdada via inconsciente coletivo e manifesto nitidamente, a título de exemplo, em civilizações indígenas atuais. Por meio da sublimação a vida em sociedade se torna mais suportável e coesa. Antes um esporte que a guerra, *e.v.* Torezan e Brito (2012) realçam que a sublimação favorece os enlances sociais:

Em outra ressalva do artigo O mal-estar na cultura, Freud (1929/2007, p.95-6) enfatiza ainda mais a sublimação como um processo particular e importante para a sociedade, no sentido de ser responsável pelas produções culturais, indicando seu desenvolvimento como fruto da civilização e exemplificativo deste momento da obra em que Freud destaca na sublimação o seu caráter de favorecedora do laço social. (Torezan; Brito, 2012, p. 252)

A expressão “vontade de morder”, quando um indivíduo se depara com as bochechas de alguém ou algum bebê, decorre dessa pulsão, desejo sublimado. As mordidas durante o ato sexual, o prazer do beijo etc. derivam desde a infância, durante o desenvolvimento da fase oral, carregando essa herança das antigas tribos, inclusive. Leopold Bloom, ao avistar a forma de alimentação dos clientes daquele restaurante, especialmente com diversas alusões ao sangue e à selvageria, declina do local e parte para outro, onde decide comer pão com gorgonzola e uma taça de vinho. Evidentemente, a carne não lhe cairia bem naquele momento. No entanto, o que é o pão e o vinho, senão também uma possível forma de sublimação?

A repulsa pela prática condenável enseja ou agrava sua necessidade de evitação do que vê, seja pelo acesso inconsciente da sublimação que oculta aquele banquete, seja pelos questionamentos religiosos. Ao mesmo tempo, pensamentos ocorrem-lhe de como canibais consumiriam o corpo do Sr. Dignam, em cujo enterro compareceu. O arcabouço de suas experiências pessoais e coletivas resgatam-lhe essas duas questões conflitantes e que, sem qualquer surpresa, tendem a fazê-lo sofrer. Os mecanismos de defesa são acionados para que a vida prossiga, ou ainda mais, para torná-la possível.

### **Os mecanismos de defesa**

Bloom, ao enojar-se dos clientes do restaurante, por um mecanismo bem conhecido dos behavioristas, o de esquiva e fuga, retira-se do local. O oitavo episódio de *Ulysses* ocorre durante o almoço, momento em que Leopold caminha de forma peristáltica pelo centro de Dublin. Ao avistar um restaurante (*Burton Hotel*), sente-se agoniado pelas imagens de selvageria e apetite voraz dos habitantes, os quais lhe remetem a pensar sobre os comportamentos canibais. Veja-se, a título de exemplo, os seguintes trechos extraídos na versão traduzida por Caetano Galindo:

Essa é a hora mais horrenda do dia. Vitalidade. Parada, melancólica: odeio essa hora. Parece que fui comido e vomitado. (p. 309).

Veja os animais se alimentarem. Homens, homens, homens. (p. 315).

Aquele camarada abocanhando uma facada de repolho como se a vida dependesse disso. Bela tacada. Me dá nervos só de ver. Mais seguro comer com as três mãos. Esquartejar comida. (p. 316)

A forma grotesca pela qual se alimentam os presentes no restaurante provoca em Bloom uma sensação repulsiva, irritando-o, inclusive. De forma

confessa, no fluxo de consciência constante em toda a obra, Bloom declara seu ódio ao horário do almoço, especialmente pelas maneiras animais que apresentavam os habitantes de Dublin para a refeição. As razões dessa irritação não residem tão somente na falta de etiqueta ou egoísmo travestido de gula dos cidadãos. Em verdade, um fator que exerce muito peso nesse assunto vem a ser o da religião. Carl Jung, em *Psicologia e religião* (1938), chama atenção para a definição de religião e a relação crença-seguidor:

Religião é – como diz o vocábulo latino *religere* – uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de “numinoso”, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito que se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. (Jung, 1938, p. 19)

Com Leopold não seria diferente. Enraizados estão os ditames de sua religião em seu inconsciente. Não há defesa contra isso. Bloom era judeu. Como se sabe, no Judaísmo, o porco é considerado um animal impuro. Há ainda o procedimento de remoção do sangue, ou *Kasherização*, pelo qual os judeus evitam a carne com sangue. O vocábulo sangue é bem presente no episódio dos lestrigões, *e.g.* “Desde que eu dei comida pras gaiotas cinco minutos. Trezentos bateram as botas. Outros trezentos nasceram, lavando o sangue, todos são lavados no sangue de cordeiro...” (Joyce, 2012, p. 309).

Além da evitação do sangue, os dizeres de “sangue de cordeiro” remetem ao tema da religião novamente. Em se tratando do Judaísmo, frise-se que o sangue do cordeiro não faz alusão à Cristo, mas sim ao sacrifício ordenado por Deus a Aarão e Moisés (*Bíblia*, A.T., Êxodo 12,3) “Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para cada casa”; portanto,

estão todos “lavados” no sangue de cordeiro, ou seja, embebidos na ritualística inevitável e divinamente imposta, pelo menos, ao seu povo.

Para que não se paire dúvida sobre a postura de Bloom quanto ao Cristianismo, no episódio de número oito, Leopold compara os cristãos aos ratos, na versão de Galindo da seguinte forma:

Um verdadeiro mundo. Tonéis de pórtor, maravilha. Um ou outro rato também acaba entrando. Bebe até inchar do tamanho de um collie flutuando. Morto de bêbado de pórtor. Bebem até vomitar que nem qualquer cristão. Imagine só beber aquilo! Rato: tonel: ratonel (Joyce, 2012, p. 292).

Essa generalização de “qualquer” (leia-se “todo”) é forma de atacar, na segurança de seus pensamentos, a fé alheia, principalmente por não ter convicção plena da sua. Dessarte, certamente a questão do sangue está incrustada no inconsciente de Bloom, já que não ingerir sangue é uma proibição extremamente rígida do Judaísmo. Pelas mesmas veredas, o Antigo Testamento e o Torá, em Levítico (11;27), determinam: “e, enfim, como o porco, que tem a unha fendida e o pé dividido, mas não ruma; o tereis por impuro”, ou seja, expressamente vedado o consumo da carne suína aos judeus.

Veja que Leopold, no quarto episódio, se alimenta de maneira contrária aos preceitos do Judaísmo:

Mastigava destemperadamente, o senhor Bloom, as vísceras de aves e quadrúpedes. Gostava de sopa grossa de miúdos, moelas acastanhadas, um coraçãozinho recheado assado, fatias de fígado fritas com farinha de rosca, ovas de bacalhoa fritas. Acima de tudo, gostava de rins de carneiro grelhados que lhe davam ao paladar um fino laivo de tênue perfume de urina (Joyce, 2012, p. 163).

As vísceras ingeridas com tanto entusiasmo opõem-se ao austero regramento do Judaísmo. Bloom, portanto, em sua privacidade, não observa os

ditames de sua tribo, como explicara Freud (1913) em *Totem e tabu*. Naturalmente, o incômodo dessa divergência entre o que se *deve ser* e o que de fato *se é* aciona pensamentos que podem ser fisgados no fluxo de consciência de Leopold: “Coma porco vire porco. Mas e aí como é que pode ser que peixe de água salgada não é salgado? Como é que pode?” (Joyce, 2012, p. 293)

O trecho “coma porco vire porco” revela-se quase como um mandamento. Coma do impuro, impuro será. A sabedoria popular, espalhada em diversos provérbios e ditados populares ratificam esse pensamento: “você é o que você come”. Noutra giro, indaga a personagem que o peixe, cercado e habitante de água salgada, não é salgado. Um argumento que busca servir-lhe para questionar a validade da afirmação anterior. Essa indagação é na verdade uma abertura ou possibilidade para que, talvez, aquele que come do porco, não seja porco. *Reductio ad absurdum*.

Primeiro, porque, partindo do princípio lógico do terceiro excluído, ou algo afirmado é verdadeiro, ou falso. Incabível a neutralidade como terceira opção, não servindo o desconhecimento do mérito como escusa de qualquer tipo. Segundo, assume a natureza do peixe em seu ambiente como argumento falacioso para justificar sua alimentação. Com tranquilidade, o que se observa é uma tentativa de autorizar-se. Não é de se espantar, portanto, que os modos e a própria alimentação que Bloom verifica no restaurante lhe causem espécie. Afinal, lidar com aquilo que se tenta evitar ou esconder é realmente insuportável.

Como já exposto, o que ingere a personagem na abertura do quarto episódio afronta o ordenamento religioso dos judeus. O fato está consumado, ou seja, houve a ingestão. A questão é como lidar com as suas consequências morais. A imagem da alimentação, durante o período que a personagem tanto odeia, provoca seu inconsciente. O estímulo de provocação dá causa ao seu

desconforto e irritação. Em psicanálise, enquadra-se o caso de Bloom na chamada formação reativa, definida com maestria por Kotzent (2017, p. 15):

Transformar um desejo ou impulso inaceitável em seu oposto. Mecanismo de defesa pelo qual o ego mobiliza uma estrutura caractereológica, a mais oposta possível, quanto ao risco do surgimento das pulsões libidinais ou agressivas recalçadas no inconsciente. Assim para exemplificar, um pudor exagerado pode estar opondo-se a tendências exibicionistas; uma bondade exagerada e despropositada pode decorrer de ímpetos invejosos e agressivos; uma obsessão por limpeza e ordem pode estar camuflando uma sensação de sujeira interna, e assim por diante.

A personagem julga o almoço um horário odioso e suas reações de repulsa denunciam o mecanismo de defesa denominado formação reativa. O gradiente de intensidade é diretamente proporcional, ou seja, quanto maior o desejo do objeto e maior a distância de possuí-lo, maior será sua evitação, a ponto de desprezá-lo ou odiá-lo. Leopold precisa manter o lestrigão que nele vive enclausurado e trancafiado no abismo de seu inconsciente. No entanto, suas manifestações são inevitáveis, seja por atos falhos, sonhos ou, no caso de Bloom, mecanismos de defesa.

Desmerecer o objeto almejado por não poder possuí-lo é estratégia de tornar a vida mais suportável. A formação reativa é encontrada comumente no cotidiano social. O indivíduo que, gratuitamente, ataca e odeia os homossexuais pode desejar sê-lo e, por pressões sociais, familiares particulares, é impedido de consumir o desejo reprimido. O ódio é, naturalmente, inevitável. Já aquele que fracassa no concurso reputa culpa a falta de tempo, doença, desinteresse etc. Em vendo que a realização do objetivo se afasta cada vez mais, diminuir a importância do objeto desejado é medida que se impõe.

Retomando-se o trecho que Bloom questiona como pode o peixe de ambiente salobro não ser salgado, eis um argumento oriundo do consciente que

bem serviria, se o fosse, como seu excludente de ilicitude. Fato é, no entanto, que as águas que escoam do consciente não irão fazer frente à *panthalassa* do inconsciente.

Leopold retira-se do local. Essa necessidade de não mais presenciar o banquete do que aqui se chamou “os lestrigões de Dublin” encontra explicação nos campos da psicologia. No behaviorismo, o comportamento de um indivíduo pode ser entendido como o conjunto de respostas apresentadas aos diversos estímulos que lhe são apresentados. Inclusive, aqueles negativos ou não desejáveis.

Naturalmente, o indivíduo busca evitar ou anular o sofrimento causado pelo contato com algo que lhe promova sensações como angústia, culpa, medo, etc. No modelo behaviorista dois comportamentos que atuam nesse aspecto são bastante comuns e estudados, a *fuga* e a *esquiva*. Moreira e Medeiros (2019, p. 79) definem e diferenciam tais comportamentos da seguinte forma:

Consideramos que o comportamento é uma fuga no momento em que determinado estímulo aversivo está presente no ambiente e esse comportamento o retira do ambiente [...]. Já a esquiva é um comportamento que evita ou atrasa o contato com o estímulo aversivo.

Exemplificam os autores com a comum mentira da alegação do “celular no silencioso”. A fuga seria a jovem que passou a noite com as amigas e não atendeu o telefonema do namorado; para evitar a continuidade da discussão, ela mente e diz que, após o término de sua aula na faculdade, se esqueceu de desativar o modo silencioso.

Em ocasião futura, se a jovem se antecipa e envia uma mensagem ao namorado informando sobre ter esquecido o celular no silencioso, pode obter sucesso em evitar o início da discussão. Trata-se da esquiva. Depreende-se que, enquanto este comportamento atua de forma profilática ou, ao menos,

protelatória, aquele já é uma resposta ao momento, ao fato consumado ou em plena consumação.

Bloom, portanto, ao se afastar do almoço daqueles lestrigões, atua em fuga, já que houve a sensibilização. O mais interessante, como já narrado, é a motivação da fuga. As razões nem sempre são evidentes ou de fácil detecção, ensejando-se, portanto, a aplicação de psicanálise. Com base no texto, o qual se revela quase que sinônimo da *psique* do autor — seu fluxo de consciência, pensamentos automáticos, crenças nucleares se desnudam aos olhos do analista atento. Pergunta crucial que mereceu investigação foi realmente entender o “ódio gratuito” de Bloom pelo almoço.

Uma varredura perfunctória poderia ofertar não muito além de um simples nojo ou apenas valorar a questão como uma “preferência”, tal como aquele gosta de azul, o outro de vermelho; uns são pelo Sol; outros, pela Lua; etc. Essa investigação apontou pelo menos uma das razões dessa evitação: a questão religiosa e o dilema entre o ser e o que se deve ser. Pela mesma linha de conta, o indivíduo como ser carrega um próprio universo que interage, recebe e oferta ao meio em que vive, incluindo na significação. Heidegger, em *Ser e Tempo* (1927), professa sobre o *Dasein*, traduzido do alemão como “ser-aí”, “presença” ou “ser-no-mundo”, como o ente para o qual o Ser se mostra. Noutras palavras, não há uma dissociabilidade entre o Ser e o mundo a sua volta. De acordo com Roehe e Dutra (2014, p. 108):

...não há homem sem mundo, nem mundo sem homem. O homem não entra em relação com o mundo a partir de sua racionalidade primária, pelo contrário, a racionalidade é que se desenvolve desde o vínculo original do homem com os demais entes.

Bloom, portanto, é convidado à fuga para evitar a ardência das feridas morais. Feridas adquiridas e legítimas de sua atuação no mundo, o seu *Dasein*

heideggeriano, e nutrindo a coleção do inconsciente freudiano, além de outras feridas herdadas no ideário coletivo, como matéria muito ventilada por Jung.

Lacan, por sua vez, ensina que o “o inconsciente é o discurso do Outro”, sendo que a importância da linguagem para Lacan é cénica (o inconsciente como uma linguagem). Nietzsche talvez aconselharia Leopold Bloom que soubesse bem se desejava verdadeiramente comer dos miúdos e do sangue, já que estaria sob um universo de julgamentos extrínsecos e intrínsecos, com objetivos de dissuadi-lo. Veja-se que, no oitavo episódio, lhe apeteceu fugir.

Vê-se que de várias fontes caminha-se para uma convergência acerca do comportamento de Bloom e, ainda mais, sobre a própria forma de escrita escolhida por Joyce. Analisar Leopold Bloom é, ao mesmo tempo, produzir hermenêuticas do próprio Joyce. O tema é muito amplo e fugiria ao escopo deste estudo, mas a própria religiosidade constante em *Ulysses* é inseparável do dilema religioso vivido por seu autor desde sua infância.

É pela forma de comunicação que se descobre muitos aspectos invisíveis ao olho do leigo. Não se refere aqui apenas às particularidades, aos chistes, às manias, à linguagem corporal etc. de cada indivíduo, mas também há um tecido de fundo que costura uma cultura. Por exemplo, a letra “L” indica flexibilidade e fluidez do discurso, além de infantilização (adultos imitando crianças trocam o “R” pelo “L”). Veja-se que a rígida cultura japonesa, famosa pela hierarquização e radicalismo em diversos aspectos sequer apresenta o “L” em seus alfabetos, mesmo na leitura dos *kanji* sob influência dos chineses.

Outros sintomas também apoiam essa cultura: a alimentação é mensurável em peças (três unidades de *sushi*), as artes marciais primam pela hierarquização em graduações (faixas), com movimentos mais lineares e retilíneos do que as chinesas; a própria dança e a música nipônicas se mesclam muitas vezes com a marcialidade (*taikô*, *bon odori*).

A linguagem é desde Freud e Lacan, indubitavelmente, uma extraordinária porta para o inconsciente. *Ulysses* é, portanto, magnânimo *menu* e, concomitantemente, um excelente estudo psicanalítico. Ao rotular os cristãos como ratos ou ao não tolerar o banquete “lestrigônico” da famélica Dublin que vivencia, a formação reativa lhe dá causa para uma fuga imperiosa e urgente.

Outro mecanismo de defesa que a personagem aplica durante a obra é a *esquiva*, nos termos já explanados. Ciente da traição de Molly, Leopold evita enfrentar tal realidade e busca fugir do encontro com Boylan, no episódio dos lestrigões: ao avistar o adúltero adversário, apressa-se ao máximo em evitá-lo. Em que pese não ter havido diálogo entre ambos, não há que se falar em fuga. Antecipou-se Bloom em fugir do desagradável encontro, portanto, caso clássico de esquiva.

As razões dessa esquiva residem, por evidente, no desconforto e na dor que a ideia de ter sua esposa tomada por outro homem, algo que lhe tortura. O contato com o competidor que o supera, ao menos parcialmente até o final da obra, é inaceitável e extremamente doloroso. As características de Boylan confrontam com o que ele pode apresentar à esposa. Agrava-se a situação com a situação de luto ante a perda do filho em que se encontra o casal.

Em verdade, qualquer contato que lhe provoque os pensamentos da traição de Molly é desviado de alguma maneira, ainda que seja pelo questionamento sobre terem ânus as estátuas de deusas gregas. Já no *pub* Byrne, uma personagem aproveitadora e parasitária, o Sr. Flynn, questiona Bloom sobre sua esposa, indagação com fito puramente provocador, vez que o homem-parasita não conseguiu angariar nenhuma refeição gratuita de Leopold.

A fuga é novamente acionada, no entanto, mentalmente. Os pensamentos de Bloom descolam-se daquele espaço-tempo, buscando sanar sua curiosidade sobre as divindades gregas. Interessante que essa investigação da

personagem sobre o ânus das deusas, o “orifício impuro”, é um tema *tabu*. As belas curvas e formas que desenham com tinta grega a beleza feminina, nuas e expostas teriam necessidade de evacuação? Essa passagem reflete fortemente a natureza do episódio, que trabalha o tema da alimentação do almoço e o faz pensar se juntamente àquele banquete canibalesco dos lestrigões, a impureza dos pecados também seria eliminada pelo ânus? Se então as deusas o têm, evacuariam também esse mal? Há o impuro também nos deuses? Devaneios e digressões são comuns para o desprendimento temporário da realidade, naquele momento, evitada por Leopold Bloom.

O episódio se encerra, após Leopold fugir de Boylan, dirigindo-se para rua da galeria em frente ao museu, local de simbologia diametralmente oposta aos restaurantes e *pubs* de Dublin, de forma que o sabonete que o acompanha é como que uma materialização da limpeza e purificação moral.

### **Considerações finais**

A obra joyceana *Ulysses* é repertório quase que inesgotável de análises e pesquisas de diversas áreas do conhecimento. A complexidade do texto exige, para investigações mais detalhadas, aplicação pontual de cada ciência sobre seu recorte e, nesse sentido, buscou-se dispor da psicologia e das ciências similares para interpretar e meditar sobre o oitavo episódio, “Os Lestrigões”. Viu-se que os gigantes mitológicos são figuras arquetípicas que existem desde os primórdios da civilização, cuja imagem é herdada pelas gerações no que Carl Jung denominou inconsciente coletivo. Esses gigantes humanoides, em dimensões favorecidas, representam o poder acima do homem comum, inclusive, como se viu na obra de Homero, como predadores de homens. Assim, o canibalismo, que também compõe esse ideário, é transmitido para a

prole, sublimando seu conteúdo em atividades cotidianas. Bloom ao compartilhar desses aspectos que também carrega e que foram provocados no restaurante, ante à alimentação animalesca, confronta suas posturas de comer vísceras e miúdos com sua crença religiosa, o judaísmo, na qual tudo isso é severamente defeso. Conclui-se que, para evitar o enfrentamento de tal realidade, Leopold busca desmerecer a questão, com argumentação falaciosa, *reductio ad absurdum*, a formação reativa e, sob a égide do behaviorismo, a fuga e a esquiva, sendo que esta se ativou inclusive para evitar encontro insuportável com Boylan. Pesquisas que aplicam o conhecimento de outras ciências em textos literários devem ser sempre estimuladas, seja pelo enriquecimento de estudos do tema, seja pelo impulso à interdisciplinaridade. Psicologia e psicanálise se mostram de grande valia para ler *Ulysses* sob perspectivas diferentes, ofertando inclusive a possibilidade de, cada vez mais, encontrarmos os “Blooms” que nos cercam e que nos habitam.

## Referências

ÁLVAREZ RODRÍGUEZ, Bárbara. Lotófagos, Sirenas y otros seres: la construcción de la alteridad neutra en la épica griega. *Synthesis*, v. 26, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/1851779Xe048>. Acesso em 18 mar. 2024.

*AS MIL e uma noites*. Versão de Antoine Galland. Tradução de Alberto Diniz. Apresentação de Malba Tahan. 16.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

*BÍBLIA sagrada* – edição bilíngue. Português/chinês. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

COTTERELL, Maurice. *Os superdeuses*. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. 1.ed. São Paulo, SP: Madras, 2001.

DANTE, Alighieri. *A divina comédia*. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Dois Irmãos, RS: Clube da Literatura Clássica, 2020.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. 1.ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELUMAU, Jean. *Medos de ontem e hoje*. Tradução de Marcelo Gomes. 2007. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/medos-de-ontem-e-dehoje/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO de mitologia grega. Última atualização, 2013. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod\\_resource/content/2/demg\\_ol\\_pt.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demg_ol_pt.pdf). Acesso em 18 mar. 2024.

FISCHER, Marta Luciane; WANTO, Mônia Maria; DE PAULA, Maria Cristina Zborowski. Interações entre *Gnatocerus cornutus* (Linnaeus, 1758) e *Tenebrio molitor* (Fabricius, 1798)(Coleoptera, Tenebrionidae). *Agrarian*, v. 6, n. 22, p. 519-523, 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/agrarian/article/download/1859/1604>. Acesso em: 18 mar. 2024.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos*. Tradução de Órizon Carneiro Muniz. Prefácio de Anna Freud. Vol. XIII (1913-1914). Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda. 1913-1914.

FULLER, Lon Luvoir. *O caso dos exploradores de caverna*. Tradução do original inglês por Sabrina Lotaif Kheirallah. São Paulo: Hunter Books, 2012.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

JOYCE, James. *Ulysses*. Tradução de Caetano W. Galindo. Introdução de Declan Kiberd. 1.ed –São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. – 11.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião*. Tradução de Pe. Dom Matheus Ramalho Rocha. Revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. – 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KOTENTZ, João Paulo. *Mecanismos de defesa*. APVP: São José dos Campos, SP. 2017. Disponível em: [http://apvp.com.br/biblioteca/biblioteca\\_120.pdf](http://apvp.com.br/biblioteca/biblioteca_120.pdf). Acesso em: 18 mar. 2024.

MEDEIROS, Carlos Augusto. MOREIRA, Márcio Borges. *Princípios básicos de análise do comportamento*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v. 32, n. 1, p. 105-113, 2014. Disponível em: doi: dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07. Acesso em 18 mar. 2024.

RUBENSTEIN, Jay. Cannibals and Crusaders. *French Historical Studies* 31, no. 4, p. 525–52, 2008. Disponível em: doi:10.1215/00161071-2008-005. Acesso em: 18 mar. 2024.

SOARES, Janile Pequeno. *Frankenstein e a monstruosidade das intenções: a criatura como representação da condição feminina*. 141 p. 2015. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA. João Pessoa/PB. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/tede/8296?locale=ptBr>. Acesso em: 18 mar. 2024.

TOREZAN, Zeila Facci; BRITO, Fernando Aguiar. Sublimação: da construção ao resgate do conceito. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 15, p. 245-258, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000200003>. Acesso em 18.03.2024.